

**não nos é pedido  
que cheguemos à meta logo no primeiro dia,  
mas caminhar em direção a uma estrela.**

**Stan Rougier**



Imagem: *Man jump through the gap* - Steve Harvey. 2016

**melhorar o mundo:  
uma missão ainda possível!**

**1.** Esta interrogação teria soado estranha aos ouvidos dos cristãos que militavam nos Movimentos da Ação Católica dos anos 50, 60 ou 70, tão forte era a sua convicção de que contribuir para um mundo melhor constituía uma dimensão intrínseca ao modo de expressar e viver uma fé adulta em Cristo.

Este modo de pensar não era, aliás, exclusivo dos cristãos daquela época, também encontrava análoga aceitação entre os seus contemporâneos não crentes, que iam buscar inspiração em filosofias de distintas conotações ideológicas, marxistas ou não, mas convergentes no sentido da convicção de que as sociedades deveriam conduzir a economia para um crescimento económico que haveria de traduzir-se em melhorias significativas das condições de trabalho e de vida de todos os cidadãos e em bem-estar geral.

Para uns e outros, o contexto sócio-económico no mundo ocidental era, aliás, promissor, atentos os elevados ritmos de crescimento económico, consideráveis avanços científicos e tecnológicos e progresso social alargado a largos estratos da população, com efeitos palpáveis nos domínios da educação, da saúde e, acima de tudo, na consecução de uma paz duradoura, após a dolorosa experiência de duas Guerras terríveis durante a primeira metade do século XX.

Mais: admitia-se que a progressiva descolonização, entretanto ocorrida em outros continentes, iria abrir a todos os povos do mundo as rotas do desenvolvimento, da liberdade e da democracia.

**2.** Olhando, agora, pelo retrovisor, não podemos dizer que foram inteiramente falsas as expectativas criadas e inúteis os esforços no sentido de criar um mundo melhor, isto é, mais próspero e mais justo. Longe disso! Basta pensar no aumento da riqueza material criada e consequente disponibilidade de bens e serviços postos ao alcance de grande parte da população do Globo, ainda que tenham subsistido consideráveis bolsas de grande pobreza sem erradicação à vista. Registaram-se, também, indiscutíveis avanços tecnológicos com impactos notórios nos modos de produção, nos transportes e nas comunicações bem como na organização da vida quotidiana das famílias e das pessoas, tornando os respetivos processos mais ágeis e eficientes. O conhecimento científico ultrapassou barreiras inimagináveis em domínios fundamentais, como seja a energia, os materiais, a medicina ou a comunicação. A democracia consolidou-se e com ela o reconhecimento do direito à liberdade, à cidadania, à participação e dos demais direitos humanos universais.

**3.** Não obstante os resultados alcançados, encontramos-nos, hoje, todavia, num quadro muito diferente e em que sobressaem cores sombrias quanto ao futuro: temos evidência de que ao crescimento económico e ao

aumento da riqueza material não corresponde, necessariamente, maior nível de satisfação efetiva por parte de largos estratos de população, como as sondagens de opinião a nível da OCDE evidenciam; as desigualdades têm aumentado exponencialmente bem como a exclusão económica e social, sob diversos critérios, o que, só por si, é um fator de insatisfação, causa de enfraquecimento da coesão social e propensão acrescida para a anomia ou a implosão social. Por outro lado, a ciência e a tecnologia têm conhecido, nos últimos tempos, um avanço tão acelerado que torna não só imprevisível, como provavelmente caótica, a transição que se perfila no horizonte dos próximos 5 ou 10 anos. É impressionante e triste constatar que, ao invés do que acontecia no século passado, os pais de hoje receiam que os seus filhos venham a ter, no futuro, condições de vida piores do que as suas.

Pense-se, por exemplo, nos novos desafios da robótica e da digitalização e sua incidência nos modos de produção, de consumo e de comunicação com consequências para a precariedade do trabalho humano e o desemprego e, indiretamente, para o nível do rendimento, a segurança social, a privacidade, o modo de aprender e de partilhar o conhecimento, as relações inter-geracionais, etc. Como se processará a adaptação? Quem ganha e quem perde?

Nesta trajetória de acelerada mudança, inscrevem-se ainda os sinais preocupantes dos diferentes desequilíbrios ecológicos, cuja amplitude não pode ignorar-se, e, por contraste, a debilidade dos meios disponíveis para lhes fazer face, tão contraditórios são os interesses dos múltiplos poderes em presença no xadrez do nosso mundo globalizado.

Face a tamanhas perplexidades e incertezas quanto ao futuro tende a crescer a frustração, a revolta e o medo, tanto mais quanto se apresenta mais estreito o campo de influência do agir individual para melhorar o mundo.

É neste contexto que devemos re-colocar a pergunta: Pode o ser humano e, por maioria de razão, os cristãos alienarem-se do mundo em que vivem? Resignarem-se ao cortejo das pseudo inevitabilidades? Acomodarem-se a uma situação de mero benefício egoísta? Entrar na onda do consumismo acrítico e predador? Ignorar, nas suas opções, atitudes e comportamentos, os limites de uma ética global?

Não deverá, antes, como lembra o Papa Francisco na sua mensagem de quaresma de 2017: Escutar a Palavra com que Deus aponta o caminho de salvação, através de todos os tempos? Abrir o coração ao Outro e acolhê-lo como dom?

**MANUELA SILVA.** Economista.

<http://www.fundacao-betania.org/betania/index.php/ct-menu-item-5/272-edm-03-2017>



**Liga Operária Católica**  
**Movimento de Trabalhadores Cristãos**

**Comunicado**

## **Encontro Bilateral LOC/MTC Portugal – HOAC Espanha**

**C**onstatámos que as dificuldades por que passam os trabalhadores no mundo do trabalho, dominado, globalizado e desvalorizado pelo sistema económico e financeiro e pelos detentores dos meios de produção e de consumo, mostra que as situações de injustiça e desigualdade que sofrem os trabalhadores, junto com suas famílias, e as preocupações pelo seu futuro são semelhantes em Portugal e Espanha.

As reformas laborais têm provocado a destruição do emprego, a instabilidade laboral e o retrocesso na negociação coletiva o que, também, tem levado à redução salarial e das condições de trabalho, com maior empobrecimento dos trabalhadores.

A crise não se instalou só na economia, mas, também no coração de muitos trabalhadores que se resignaram à sua condição social precária, desenvolvendo um processo de discriminação social, de angústia, de tristeza e infelicidade que tem levado muitos à desistência de uma vida ativa e de cidadania. Ao mesmo tempo, e de um modo geral, no seio da Igreja vive-se numa certa apatia em relação a estas problemáticas: o sofrimento dos trabalhadores, as suas causas e como agir para transformar a realidade.

Devido aos cortes nos mecanismos de solidariedade social e à desregulamentação do mundo do trabalho tem vindo a acontecer, como Bento XVI afirma na encíclica ***Caridade na Verdade***, nº 25, ***“a desregulamentação do mundo do trabalho implicou a redução das redes de Segurança Social acarretando grande perigo para os direitos dos trabalhadores, os direitos fundamentais do Homem e a solidariedade realizada pelas formas tradicionais do Estado social”***.

Entretanto, parece existir uma tomada de consciência individual e coletiva de que é necessário mudar este estado de coisas. Em quase todos os sectores da

sociedade os trabalhadores e a população em geral tem reagido das mais diversas formas, contra as políticas de austeridade, de cortes de salários e de pensões e de redução dos direitos sociais.

Assiste-se a algum acordar das pessoas a olhar para o seu semelhante, a combater o egoísmo, a sentir que não estão sós e que fazem parte de um todo, que também são responsáveis pelos que estão ao seu lado. Vai-se notando um maior sentido ético e de indignação contra as injustiças e a corrupção e o reconhecimento da importância e da necessidade da unidade, acreditando que outra sociedade, justa e sustentável é possível. Sociedade com trabalho digno, justamente remunerado que é pilar fundamental do progresso, prioriza a justiça social, a distribuição da riqueza e respeita a sustentabilidade dos recursos naturais, tal como o papa Francisco afirma na sua exortação apostólica **Alegria do Evangelho** nº 192: ***“Não se fala apenas de garantir comida ou um digno sustento para todos, mas prosperidade e civilização nos seus múltiplos aspetos....”***.

Com a certeza de que é pelo testemunho de vida e pelo envolvimento cívico nas organizações culturais, sociais, sindicais, políticas e eclesiais que materializamos a nossa vocação, como Igreja enviada a evangelizar o mundo do trabalho, queremos:

**Denunciar as situações da crescente desigualdade social e injustiça laboral, de precaridade da vida, de empregos instáveis, de desemprego de longa duração e ao mesmo tempo referir o pouco acolhimento que o sofrimento destas pessoas, nomeadamente dos jovens, tem tido no seio da Pastoral da Igreja.**

**Afirmar a nossa Fé em Jesus Cristo, com a esperança que brota da ação do Papa Francisco e da reação e intervenção ativa das populações na mudança que nos leve à defesa do bem comum e da dignidade humana e apoiar as pessoas na tomada de consciência destas realidades.**

**Valorizar a participação de todos como contributo para as mudanças, agir e incentivar ao associativismo na procura de respostas para os problemas sociais. Nomeadamente, promover cada vez mais a celebração do dia do trabalho digno (7 de Outubro) envolvendo outros organismos eclesiais e civis.**

**Acordar os que ficam indiferentes e comodamente instalados perante as injustiças cometidas contra os mais desfavorecidos da sociedade e, cumprindo os nossos deveres cívicos e políticos, ser agentes de transformação no implementar de uma nova vivência social, baseada nos valores cristãos.**

**Testemunhar como os encontros entre a LOC/MTC e a HOAC, fortalecem e animam a missão que nos está confiada pela Igreja nos nossos respetivos países, e por isso propomo-nos dar-lhes continuidade.**

Covilhã, 15 de fevereiro de 2017

***Equipa Executiva da LOC/MTC e Comissão Permanente da HOAC***

## Quaresma 2017:

# Papa apela à defesa da vida *frágil* e alerta para obsessão pelo dinheiro

Mensagem de preparação para a Páscoa apresenta o outro como um «dom»

O Papa Francisco apela na sua mensagem para a Quaresma de 2017, que se inicia esta quarta-feira (1 fevereiro), à defesa da vida “*frágil*” e alerta para as consequências negativas de uma vida centrada no “*dinheiro*”.

**“Cada vida que vem ao nosso encontro é um dom e merece acolhimento, respeito, amor. A Palavra de Deus ajuda-nos a abrir os olhos para acolher a vida e amá-la, sobretudo quando é frágil”,** escreve, num texto intitulado ***A PALAVRA É UM DOM. O OUTRO É UM DOM.***

Francisco questiona em particular a utilização do dinheiro, contestando a “lógica egoísta” que não deixa espaço para o amor e dificulta a paz.

**“Em vez de ser um instrumento ao nosso dispor para fazer o bem e exercer a solidariedade com os outros, o dinheiro pode subjugar-nos, a nós e ao mundo inteiro, numa lógica egoísta”,** alerta.

Segundo o Papa, o “**homem corrompido pelo amor das riquezas**” não vê nada além de si próprio.

**“Assim, o fruto do apego ao dinheiro é uma espécie de cegueira: o rico não vê o pobre esfomeado, chagado e prostrado na sua humilhação”,** precisa.

A mensagem parte de uma passagem do Evangelho, sobre um homem rico e um pobre, chamado Lázaro, que lhe pede ajuda mas é ignorado.

**“Lázaro ensina-nos que o outro é um dom. A justa relação com as pessoas consiste em reconhecer com gratidão o seu valor. O próprio pobre à porta do rico não é um empecilho importuno, mas um apelo a converter-se e a mudar de vida”,** assinala Francisco.

O Papa deixa votos de que a Quaresma represente “**um novo começo**” e recomenda as práticas tradicionalmente ligadas a este tempo de preparação para a Páscoa, “**o jejum, a oração e a esmola**”, como forma de combater a “**corrupção do pecado**”.

A mensagem assinala a importância da “**Palavra de Deus**” como força de “**suscitar a conversão**” no coração de todos.

**“Fechar o coração ao dom de Deus que fala tem como consequência fechar o coração ao dom do irmão”,** observa Francisco.

O Papa pede que as comunidades católicas promovam a sua “**renovação espiritual**”, participando também nas Campanhas de Quaresma que muitos organismos eclesiais promovem.

**“A QUARESMA É UM TEMPO PROPÍCIO PARA ABRIR A PORTA A CADA NECESSITADO E NELE RECONHECER O ROSTO DE CRISTO. CADA UM DE NÓS ENCONTRA-O NO PRÓPRIO CAMINHO”.**

Para ler a Mensagem para a Quaresma 2017 na íntegra, aqui:

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco\\_20161013\\_mensagem-quaresima2017.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20161013_mensagem-quaresima2017.html)

Fonte: Agência Ecclesia

## memória



## 31 de Março de 1821 — Fim da Inquisição em Portugal

O **Tribunal do Santo Ofício**, comumente designado por **Inquisição**, foi instituído em Portugal em 1536, no reinado de D. João III. Visto como uma «nova arma de centralização régia», que permitiu perseguir e liquidar o crescente poder dos cristãos-novos considerados pela coroa portuguesa como uma ameaça, o tribunal eclesiástico tinha oficialmente como missão inquirir dos desvios da fé católica, das heresias e práticas pagãs, mas estendeu-se a muitas outras áreas, incluindo a censura de livros. Os processos, geralmente secretos, baseavam-se em denúncias, mesmo anónimas, boatos e suspeições de todo o tipo. Os inquisidores podiam prender, julgar, castigar, torturar e condenar à morte sem que aos acusados fosse dada possibilidade de defesa. Durante os seus 285 anos de vigência em Portugal, o Tribunal, considerado santo nos meios e nos fins, processou dezenas de milhares de pessoas e condenou milhares à fogueira; muitas outras morreram na prisão à espera de julgamento. O **Tribunal do Santo Ofício** foi extinto um ano depois da vitória de revolução liberal (**1821**) por decisão das cortes gerais do reino.

# SÃO JOSÉ: patrono dos anônimos

[...]

**S**ÃO JOSÉ é uma figura de sombra. Não deixou nenhuma palavra, apenas teve sonhos que, não sem dificuldades, acatou e seguiu. Não sabemos nem quando nasceu nem quando morreu. Apenas que, **corajoso, levou para casa uma menina grávida e assumiu o menino impondo-lhe o nome Jesus**. Depois enfrentou com a família a perseguição de um monarca sanguinolento, fugiu para o exílio e, na volta, se escondeu numa vilazinha ao norte, em Nazaré. **Iniciou o filho nas tradições religiosas de seu povo e lhe transmitiu a profissão de artesão-carpinteiro. Dele se diz que era um homem justo**. Depois sumiu sem deixar sinal. [...].

**São José nunca teve centralidade na Igreja**. Somente depois de 800 anos apareceram os primeiros sermões sobre ele. Só em 1870 foi proclamado patrono da Igreja Universal, não pelo próprio Papa, mas por um decreto da *Congregação dos Ritos*. Nos anos 60 o **Papa João XXIII** inseriu seu nome no cânone da missa.

[...] **Jesus cresceu. Sua relação com José a quem chamava pai, deve ter sido tão íntima que serviu de base para sentir a Deus como "Paizinho querido" (Abba) e nos transmitir essa experiência libertadora. Isso já é para sermos eternamente gratos a ele.**

Leonardo Boff

<http://leonardoboff.com/site/vista/2005/mar18.htm>

Este é o homem justo,  
Escondido e prudente,  
Servo fiel de Deus,  
Chefe da sua casa.

Diante do Senhor,  
Junto à água corrente,  
Cresceu como a palmeira,  
Humilde e glorioso.

Na vida de família,  
No rigor do trabalho,  
Soube encontrar a Deus  
E manter-se a seu lado.

Louvemos as virtudes,  
Sigamos o exemplo  
Do esposo de Maria,  
Mãe do Filho de Deus.

In *Ofício de Leitura* para o Dia 19 de março (*Liturgia das Horas*)